

Prólogo

Quando os povos antigos, que ainda usavam armas nucleares, atingiram o ápice da luta contra seu semelhante e contra a natureza, vieram as tormentas. Primeiro a sede, depois a doença e, por fim, caiu a fúria dos raios do sol por sobre toda a terra; e tudo o que se conhecia até então sobre as leis do universo foi alterado.

A humanidade, então, se uniu para não entrar em extinção e, por isso, ela foi presenteada com dons. Uns podiam falar com animais; outros podiam controlar elementos, conjurar poderes, realizar maravilhas; e a essas habilidades chamaram de Mistérios.

Porém, as nações entraram em guerra, pois os seus líderes, sedentos pela glória, quiseram se apossar dos mistérios uns dos outros.

Três nações ergueram-se vitoriosas no conflito entre as nações da tormenta: os Sakilianos, porque seguiam a Emília Sakilanarrá; os Demokitanos, porque seguiam a Demokita Lenar; e o povo de Almonte Alamaor, o Justo.

E, ainda que os três governantes fossem desprovidos de Mistérios, conheceram a vitória.

Cansados da guerra, acordaram em manter a paz, dividindo o mundo entre suas três nações. E, sob o governo desses três líderes, as nações de todos os cantos do mundo prosperaram.

E os três líderes foram agraciados com dons. Para Demokita Lenar, veio o poder dos sábios antigos, e ele tinha os mistérios em suas mãos; para Sakilanarrá, veio a ciência suprema, e ela tinha o conhecimento em suas mãos; para Alamaor, veio a espada devastadora, e ele tinha a destruição em suas mãos.

Tendo Alamaor jamais usado a espada destruidora, por sua justiça, aquilo que lhe fora dado para destruir tornou-se algo para criar; pois a espada se transformou em palavra, onde quem pudesse ler teria o dom da criação nas mãos.

Mas conspirou Demokita Lenar com Sakilanarrá para tirar de Alamaor a palavra da criação.

Onde os dois povos, então, unindo toda sua força, entraram em guerra contra a nação da palavra, no que ficou conhecida como a guerra dos três, que durou cinco anos.

Alamaor caiu na guerra, mas, antes da derrota, confiou a seus profetas e a cinco generais as palavras cravadas em um pergaminho fechado, com a missão de guardá-lo até que viesse outro justo capaz de ler as palavras e guiar seu povo.

Com medo de que o pergaminho caísse em mãos inimigas, os cinco generais trancaram o pergaminho com um selo cada; e só o cetro desses generais poderia romper os selos.

E, no último ano de guerra, restando apenas Eliazar Asíncrito, o quinto general, consciente da derrota, retirou o quinto cetro e ordenou aos profetas, em segredo, que o levassem para uma terra distante, longe do inimigo; e assim foi.

Demokita Lenar conseguiu desatar os quatro selos do pergaminho, mas não encontrou o cetro perdido; e, assim, seguiu na busca de desatar o quinto selo até o fim de seus longos dias.

Das cinzas da derrota, nasceram as Cinco Tribos; da vitória, as dinastias: a Demokitana, sendo seu símbolo agora um cajado envolvido pelo pergaminho; e a Sakiliana, sendo seu símbolo agora um par de asas encobertas pelo pergaminho.

E assim, o segredo do cetro perdido foi repassado por gerações, e o povo de Alamaor guardou a esperança de vir quem fosse justo para receber o quinto cetro e romper o pergaminho das palavras da criação.

E eis que passaram incontáveis eras até a chegada de Jocabe, o último profeta.

Ele que iria apontar o caminho até Rael.

Rael, aquele que viria de uma terra distante e que seria chamado por muitos nomes: o Justo, Nomeador de Terras Sem Nome, Filho de Nara, Herdeiro de Alamaor, Filho do Astro-Rei, o Que Rompeu Pontes, Desbravador de Tiranos e Cumpridor da Promessa Perdida.

Conto das Cinco Tribos – A Proclamação de Rael.

PARTE I

Capítulo 1

A véspera do tratado das Cinco tribos.

Era cedo ainda para Nara ver se estava anoitecendo, a tarde vinha rápida dos lados dos campos e o vento estava mais forte que o de costume naquele 16 de abril, os cachorros estavam agitados, as galinhas não queriam a ração de sempre, e Doca Ligeiro ainda não havia chegado.

“Poderia ser muita coisa naquele momento” Pensou Nara, que fazia parte da Quarta Tribo.

Em meio a tanta agonia, o que agitava o coração e a cabeça daquela mulher era a certeza que motivo ela tinha, e muito, para estar daquele jeito, pois aguardava respostas vindas da Quinta tribo através de Doca Ligeiro, seu cunhado.

Porém estava com uma grávida no quarto, gestante de 7 meses e precisava manter a calma, era tida como Nara Protetora, seu nome de batismo em Takaú, a cidade dos barcos, mais como uma forma de deboche do que qualquer outra coisa.

Aquela jovem grávida era uma de suas irmãs, porém uma delas havia cortado o coração da família de Nara em uma separação brusca, cujos sinais começaram nesse mesmo dia há dois anos atrás. E boa parte da agonia de Nara, era a lembrança desse rompimento, pois sua irmã agora fazia parte da Dinastia Sakiliana.

Maria Renata Lenara de Minea, conhecida como Nara ou Nara Protetora, era a filha mais velha de 3 irmãs, era por natureza analítica, misteriosa, inteligente e desconfiada. Diferente de suas irmãs, era ansiosa e tinha a mania de querer ter a responsabilidade do mundo em suas mãos.

Nara não era muito alta, tinha o cabelo cacheado e a pele parda, expressava um rosto confiante e de personalidade, tinha um olhar determinado e sua voz transmitia igualmente calma quanto autoridade, dessas pessoas que não se sabe bem o que está pensando ou querendo. Filha de Dario e Elise, Pais amorosos. Suas irmãs eram Maria Miriana, a do meio e Maria Adassa a mais nova.

Ela raramente conseguiu prever o que as esquinas em cada rua da vida lhe aguardavam, e ali era exatamente uma delas, estava preocupada pelo fato de o dia ser um dia importante, uma ocasião específica que transformou um simples atraso em uma tarde agonizante para Nara, em muito ela tentou pensar em outra coisa que não fosse o dia seguinte: “17 de Abril, 17 de Abril”. Mas era inevitável não pensar, assim como era frustrante não ter o controle dessa situação para ela que tinha por instinto e vocação ter o controle de seu mundo.

Mas o pensamento ecoa em sombras misteriosas e tão complexas como um sonho sem início meio e fim, procurando uma porta para achar a saída do inexplicável, que Nara enfim sem perceber, foi tomada pela total despreocupação em observar à janela que havia um cachorro vindo apressado correndo sem seu dono.

Era Pingo, o cachorro de Doca Ligeiro. A pressa nas patas só não ganhava da ansiedade no olhar de Nara em querer saber o porquê de tanta demora.

- Já quase noite e nada do seu dono, vem Pingo, vem comer!

Pingo entra e invade a casa tão rápido que Nara se espanta e imagina se era fome ou se estava procurando alguém.

O céu já estava agonizando para escurecer e nada de Doca. As galinhas já não estavam na agitação e o vento que estranhamente havia sido forte nesse fim de tarde também findara.

O que havia acontecido? Pensou Nara enquanto observava se a irmã estava dormindo ainda. Um passo a mais e Nara tinha a certeza que o mundo iria escurecer ali, não gostava de esperar, nem de não saber o que estava acontecendo.

Lhe agoniava a ideia de estar em um lugar ou situação que não houvesse explicação. Era dessas pessoas que o misterioso ao mesmo tempo lhe fascina e lhe toma em total agonia.

Ela sai, senta a frente do terraço de sua casa e jura ser a última vez que espera o chegar de Doca ao longe.

Sabe que em algum momento irá ter uma certeza. Porque mesmo não tendo noção do que havia acontecido à Doca e suas novidades, ela irá chegar a uma conclusão, e naquele momento, tanto faz se é certo ou errado, se é verdade ou não, no meio de uma incerteza só resta a dedução e pelo menos isso para ela, ali, naquele instante, já bastava.

O tempo corre e na porta uma luz indica a chegada de alguém vindo ao longe, uma espécie de identificador com sensor para apontar quem se aproxima, presente do jovem Marlon.

Ela quase derrama a xícara de café que estava em suas mãos, põe na mesa com força e autoridade como fosse espreitar um filho chegando escondido dos pais em uma noite chuvosa depois de sair com os amigos, era Doca com seu andar peculiar vindo ao longe, ela logo o reconheceu.

- Que demora! Achei que tínhamos combinado não chegar depois do anoitecer, o que houve? Perguntou Nara quando ele enfim chegou perto.

- Boa tarde, eu acho, se já não escureceu totalmente, ela ainda dorme?

- Sim, ainda. Sempre passo no quarto para olhar como ela está.

- Desculpe a demora, precisava refletir, mas, por que o espanto?

Falou Doca Ligeiro com uma calma e um tom de voz meio cansado.

- Conseguiram o apoio de Zenza?

Perguntou Nara em tom de preocupação.

- Sim, conseguimos.

Falou Doca com um olhar de preocupação e uma voz embargada.

- Todos confiantes? Perguntou Nara

- Espero que sim, amanhã um mesmo 17 de abril, que como você sabe, data de um dia com muitas mudanças.

Disse Doca olhando para Nara seriamente e percebendo a inquietação em seu olhar perguntou:

- O que foi cunhada? Não consegue tirar ela da cabeça, não é? Precisa ser forte. Amanhã não pode olhar para ela e vê-la como sua irmã. Sabe disso!

- Se você chegar a vê-la... - Disse Nara apressadamente e com um tom triste.

- Eu irei!

Resmungou Doca um pouco irritado.

- Qual recado gostaria de mandar? Posso fazer esse sacrifício por você!

- Diga que... - Balbuciou Nara, os olhos lacrimejaram, ela apertou a garganta e desejou não sentir a lágrima que estava prestes a cair dos olhos, mas a expressão no olhar já não disfarçava em mostrar a saudade e a tristeza pela irmã que agora servia a uma das Dinastias.

- Esqueça, não diga nada.

Falou Nara com os olhos cheios de lágrimas.

Ela vai para o quarto, deixa a irmã aos cuidados de Doca e enfim senta na cadeira de seu quarto, olha para uma foto e nela relembra a família, lembra o dia 17 de abril, sabe que estaria para acontecer algo importante mais uma vez, sabe que estava prestes a ver aquela que foi embora e deixou marcas na sua família, marcas de uma separação triste, cujas premissas começaram em um mesmo 16 de abril.